

AS FORMAS DE SOCIABILIDADE EM DELEUZE

Jairo Dias CARVALHO*

RESUMO

Pretendemos formular um conceito de formas de sociabilidade em Deleuze. Este conceito se estabelecerá a partir da concepção de que as multiplicidades são já formas de relação, por que implicadas em outras multiplicidades e por isso será preciso estudar o problema da implicação entre multiplicidades e o problema da disposição em rede das multiplicidades pelo plano de imanência. Para isso consideraremos à relação entre o social e o desejo em Deleuze, relação esta inscrita em sua lógica das multiplicidades.

Palavras-chave: Sociabilidade, multiplicidade, desejo, imanência, Deleuze.

FORMS OF SOCIABILITY IN DELEUZE

ABSTRACT

We intend to formulate a concept of forms of sociability in Deleuze. Its starting point is the conception that multiplicities are

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor adjunto a Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail:* jairodiascarvalho@bol.com.br

already forms of relation, because they are implied in other multiplicities. For this reason, we shall study the problem of implications between multiplicities, and the problem of multiplicities being disposed in a network by the range of imanence. In order to do this, we consider the relation between the social and the desire according to Deleuze, a relation that is present in his logic of multiplicities.

Keywords: Sociability, Multiplicity, Desire, Imanence, Deleuze.

A filosofia, para Giles Deleuze, é uma teoria ou uma lógica das multiplicidades, cujo centro é a relação plano de imanência e multiplicidades virtuais. Essa teoria está inscrita no antigo debate sobre a analogia e a univocidade. A relação plano de imanência/multiplicidade virtual se diz de tudo o que é, essa é a univocidade deleuziana. O problema da filosofia é, então, determinar: Qual plano? Qual multiplicidade? Qual relação plano/multiplicidade virtual apresenta esse ou aquele “domínio”?

Pretendemos formular um conceito de formas de sociabilidade em Deleuze. Este conceito se estabelecerá a partir da concepção de que as multiplicidades são já formas de relação, porque implicadas em outras multiplicidades e por isso precisamos estudar o problema da implicação entre multiplicidades e o problema da disposição em rede das multiplicidades pelo plano de imanência. Para esse momento recorreremos ao *L'Anti-Oedipe*,¹ porque a relação entre o social e o desejo em Deleuze está inscrita na sua lógica das multiplicidades.

O problema da implicação das multiplicidades é o começo de determinação da relação entre desejo e social. Uma multiplicidade é já uma forma de relação, já apresenta um tipo de implicação com, disposta por um plano de imanência. Uma multiplicidade qualitativa é uma multiplicidade de relações e não de termos. Uma multiplicidade

⁽¹⁾ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'Anti-Oedipe: Capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit, 1972.

qualitativa é uma interpenetração de relações e de variações. Uma interpenetração de relações entre variações e uma interpenetração de variações de relações. Ela é um modo de organização onde existe a coexistência de heterogêneos, sua implicação e inseparabilidade configurando, assim, um domínio, um complexo. Já o plano de imanência compõe as multiplicidades estabelecendo relações entre elas e nelas. Ao estabelecermos uma determinada relação entre relações temos um termo (que é um nó de relações), temos uma composição, uma multiplicidade qualitativa. O plano seleciona relações de relações. Se tudo é relação de relações em variação, é preciso fixar uma relação dentre as relações de relações para que algo se forme, e isso é tarefa do plano de imanência. O plano estabelece a conexão entre as multiplicidades e nas multiplicidades. O plano é responsável pela articulação, corte e recorte que faz estabelecer uma multiplicidade qualitativa. É o operador da rede, o que estabelece conexões internamente à própria rede. O plano opera com conectores de rede, com direções gerais da rede, mas não é anterior ao próprio movimento de interconexão da rede. Não é um plano *a priori*. As próprias conexões são a explicitação de uma interconexão e não de outra.

Cada componente de um plano é um “ponto” em conexão. O que significa dizer que as multiplicidades, que são os componentes do plano, estão sempre em conexão com outras multiplicidades no plano e com outras multiplicidades de outro plano. O plano possui a função de produzir endo-consistência, o que significa a inseparabilidade de componentes heterogêneos ou inseparabilidade de conexões e relações. plano de imanência é o meio interior que torna conexões relacionáveis. plano é a condição da inseparabilidade de constituintes em uma multiplicidade e não em outra. Essa é a primeira qualidade do plano de anência: produzi rendo-consistência.

A segunda qualidade é a relação estabelecida entre o plano e o que se passa nele (as multiplicidades). Essa relação é de ocupação, povoamento, o que supõe que o plano é um meio: “O plano ele mesmo meio indivisível onde os conceitos (no caso, as multiplicidades) se

repartem sem contar, ou se distribuem sem dividir” (DELEUZE, 1992, p. 52). O plano é o meio, e as multiplicidades são as regiões que preenchesse meio; as multiplicidades, sempre explicando e possuindo as propriedades desse meio. Em *Mille Plateaux*², Deleuze diz que o plano de imanência é um plano de povoamento e meio de transporte. Quando fala em povoamento, isto significa o número de elementos ou relações heterogêneas que existem inseparáveis em um totalidade ou em uma multiplicidade. Quando fala em meio de transporte, isso significa que o plano de imanência articula num limiar as passagens entre as multiplicidades. Não há disposição de relações em multiplicidades sem um plano que as consista. Relações só são existentes em um plano de consistência. Sem um plano que disponha, torne consistente, inseparáveis relações, só temos o caos da variabilidade infinita. O plano é o poder que as multiplicidades possuem de endo-consistência. O plano é o que permite tal ou tal consistência entre as multiplicidades e, ao fazer isso às dispõem em rizoma, em rede. O plano é o emaranhado de multiplicidades em relação. Só há passagem entre multiplicidades ou relação de interpenetração porque o plano estabelece internamente quais relações de relações serão compostas, constituídas e, assim, as dispõem em um limiar de interpenetração. No limite uma mudança de natureza de uma multiplicidade acarretaria uma mudança de plano, uma passagem de plano. O que há são sempre planos de planos, planos de multiplicidades, multiplicidades de multiplicidades. Uma multiplicidade é seu plano de composição. Um plano, o estabelecimento de relações numa multiplicidade e de relações entre as multiplicidades. É em um plano que as multiplicidades são dispostas no sentido de suas relações internas e externas: “O plano não é princípio de organização, mas meio de transporte” (DELEUZE, 1997, p. 58), de passagem, de deslocamento, diríamos. O plano é a intersecção entre as multiplicidades: “Assim, todos os devires, como desenhos de feiticeiras, escrevem-se nesse plano de consistência...” (DELEUZE, 1996, p. 36). Mas há passagens

⁽²⁾ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie 2*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

não previstas pelo plano, o que acarretaria, então, mudança de natureza do plano e das multiplicidades.

O plano é um crivo, seleção ou um corte do caos. O caos é uma complicação de variações ou variabilidade infinita. O caos é uma coexistência e interpenetração de variações. O plano é uma seleção das variações ou o estabelecimento de uma inseparabilidade entre elas. O plano é uma co-relação entre variações. Ele torna as variações inseparáveis entre si. É um plano de relações ou mesmo um plano que tornaria relações existentes e, determinadas relações. O plano é o “domínio” de uma rede. O modo de relação das relações de variações constituída pelo plano é chamado de “perplicado”, trata-se de um “emaranhado”, trata-se de algo enredado, em rede. O sufixo “per” significa em geral pôr em movimento. Emaranhado significa o movimento de enredar, de complicar. Perplicação significa, então, o movimento de dispor em rede, dispor em rizoma.

Uma multiplicidade virtual é dita implicada e implicadora, trata-se da noção de interpenetração. Ela é implicada na multiplicidade atual secundariamente, mas primeiramente em si e em outras multiplicidades qualitativas. A implicação é sua forma de ser, o que significa coexistência e estar em outra, penetrá-la, conectá-la e ser conectada. Uma multiplicidade que implica em si relações de variações se interpenetra, e é implicada em outra multiplicidade que por sua vez constitui um outro campo de inseparabilidade de relações de variação. As multiplicidades implicam ou consistem variações em si e consistem e implicam outras multiplicidades que também consistem relações entre variações e constituem outro campo.

Propomos um quadrado. O caos se refere à noção de complicação, o plano à noção de perplicação, as multiplicidades virtuais à de implicação, e a de multiplicidades atuais à de explicação. O caos é complicação de variações ou variabilidade infinita, o plano é sua perplicação no sentido que produz coerência e relações entre as variações. O plano constitui redes, coloca em redes estas variações estabelecendo um grau ou índice de variação das relações de relações

tornando-as inseparáveis. O plano constitui relações no sentido de tornar as variações inseparáveis umas das outras. Ao fazer isso o plano articula e constitui multiplicidades em si. Uma multiplicidade é uma implicação de variações nela mesma e de outras. Uma variação que implica outra e que implica relações determinadas entre si constitui a multiplicidade qualitativa. O plano é dito imanente porque é inseparável do que constitui. O plano é a rede intrínseca entre as multiplicidades.

O caos é complicação de variações; o plano uma perplexação de multiplicidades; o atual a explicitação dessa variação num plano de referência, que estabelece variáveis e constantes. Vejamos como funciona no *L'Anti-Oedipe*³ a questão da endo-consistência e a questão da relação plano e o que se passa nele ou que o habita.

Deleuze diz no *L'Anti-Oedipe*: “Trata-se de caracterizar os investimentos sociais do inconsciente por termos herdados da psiquiatria que não tem mais uma conotação familiar”, (DELEUZE, 1972, p. 439). Deleuze pretende nessa obra construir o que chama de esquizoanálise, cujo objeto seria de analisar as características dos investimentos sociais do inconsciente. O primeiro capítulo do *AE* visa explicitar a teoria das três superfícies (ou planos) que constituem a subjetividade, produção, registro, consumo. Haverá sempre uma duplicidade: o Corpo sem Órgãos⁴ e o que se passa nele, ou o que o habita ou, se preferirmos, o que o constitui. CsO é o nome que o plano de imanência possui no *AE*. Há sempre o CsO e o que se passa nele ou habita e isso é importante para se compreender a teoria das três superfícies do primeiro capítulo do *AE*. O *AE* trabalha ainda com a noção de superfície, herdada de *LS*, e que mais tarde será substituída pela de plano de imanência. A subjetividade humana, no *AE*, se apresenta articulando-se em superfícies, ou se quisermos em planos. Há uma lógica das relações baseada na noção de síntese. Dependendo do tipo de síntese e do tipo de superfície, Deleuze procederá a uma tipificação do CsO ou do plano envolvido.

⁽³⁾ Que doravante será abreviado para *AE*, assim como *Mil Platôs* será abreviado por *MP* e *Lógica do Sentido* por *LS*.

⁽⁴⁾ Conceito deleuziano que será abreviado na seqüência do texto por *CsO*.

Assim, temos, a superfície de produção cuja síntese implicada é chamada de conectiva, a superfície de registro, cuja síntese implicada é chamada de disjuntiva, a superfície de consumo, cuja síntese é chamada de conjuntiva.

Há sempre um CsO implicado, seja num processo de produção, seja em um registro ou consumo. No processo de produção, a superfície do CsO implica o que Deleuze chama de síntese conectiva, síntese entendida como um procedimento de reunião de termos heterogêneos. É conectiva porque implica a cada vez junção de termos heterogêneos ou conexões. Sua fórmula é o “e, e, e” infinito. E é por isso que chama esse CsO implicado nessa síntese de improdutivo. Essa variabilidade infinita implica uma superfície fluida onde ocorrem sínteses conectivas, relações ao infinito entre termos. É essa superfície que torna possível essas sínteses, essas conexões e é essa superfície que Deleuze chama de CsO, chamando os termos em conexão de máquinas. Ocorre aqui o que Deleuze chama de atração entre as máquinas no CsO e, fiel a Freud, concede uma energia própria a essa “tópica”, e a chama de libido, o que configuraria o que chama de máquina miraculosa. É que Deleuze pensa a reunião das máquinas seja pelo nome do CsO implicado no processo (CsO improdutivo, no caso), seja pelo nome de máquina, no caso miraculosa. Esse CsO é chamado de sem forma ou de sem figura. Ocorre que há uma superfície ao lado desta chamada de superfície de registro. O CsO implicado nesse processo é chamado de repulsivo ou de paranóico, a síntese implicada é chamada de disjuntiva, ou seja, “ou, ou”. Nesse momento introduz um elemento importante que chama de *socius*, pensado também como CsO ou plano. Há três CsO, ou planos, ou *socius*, ou se quisermos uma outra terminologia, três grandes formas de sociabilidade, o CsO da terra, do déspota, e do capital. A terra, o déspota, o capital seriam três formas que produziram a inscrição ou o registro sobre o CsO neste segundo momento do processo. Estas formas de sociabilidade constituem uma superfície onde se distribuem as forças, fluxos, máquinas, processos. Uma forma de sociabilidade é o plano que dispõe em rede as multiplicidades do CsO. Registrar no texto aparece, (DELEUZE, 1972, p. 10) junto com os

termos inscrever, e distribuir, mas aparecetambém um termo importante, quase discretamente, “referenciar”. E referenciar aqui no caso se dá em relação aos códigos destas formas de sociabilidade. Os códigos sociais moldam, soldam, articulam, ligam, combinam, dispõem. Na superfície de inscrição qualquer coisa se deixa referenciar que é da ordem do sujeito, como diz Deleuze. Neste momento da obra e na terminologia do *AE* temos a concepção do que seria o processo de subjetivação ou de produção da subjetividade. O sujeito é produzido pela ação de inscrição operada pelo *socius*. Registrar no fundo é selecionar. Selecionar é referenciar através das disjunções da superfície de registro. Se compreendermos como esta síntese é formada compreenderemos como o sujeito é produzido.

Há um CsO, uma superfície, ou se quisermos um meio, um plano imanente implicado nas sínteses. Há sempre relações e um meio que as tornam consistentes, como vimos pelo esboço da lógica das multiplicidades. Na superfície ou CsO chamado de produtivo as relações são livres e permitem uma conectabilidade sem termo. Na superfície de registro há uma operação do *socius* (se quisermos uma outra terminologia, do plano de sociabilidade) que é, também, um CsO determinado. Esta operação visa produzir uma disjunção nas conexões e determinar uma direção para as conexões da superfície de produção. O *socius* funciona como um crivo nas conexões de relações da superfície de produção e impõe direções determinadas, de acordo com seus eixos. O *socius* é um plano de imanência, mas não seria melhor chamá-lo de plano de referência? Há vários tipos de *socius*, há vários planos de sociabilidade e será esta variabilidade que determinará as disjunções das relações no CsO em geral.

Será da oposição entre as sínteses de conexão e de disjunção que o sujeito será produzido. É como se a subjetividade humana implicasse vários planos e o eu, a identidade, aparecesse ao fim de um processo. Como diz Deleuze: O sujeito que surge ao final de um processo e de relações entre os planos de inscrição e de produção é sem identidade fixa, Deleuze o chama de “errante” (DELEUZE, 1972p.

22-3). Ele nasce de estados. Esta síntese de consumo possui a fórmula: “Sou eu, pois”. O sujeito que se deixa referir é proveniente de cada disjunção da superfície de registro. Toda a questão é jogada na relação entre o plano de produção, onde as relações são livres e o plano de inscrição ou de registro que refere ou compõe estas relações livres. A cada vez, dependendo, ora da variação das relações, na superfície de produção, ora da eficácia ou mesmo das orientações do *socius*, na superfície de registro em referir estas relações, surge uma conjunção diferente. O que é produzido na superfície de consumo é o que Deleuze chama de quantidades intensivas (DELEUZE, 1972, p. 25). Nas conjunções temos estados intensivos a cada vez. Estes estados intensivos são chamados de zonas de intensidade sobre o CsO. O CsO é o meio que perpluca intensidades em variação. No *AE* há uma relação entre o plano de imanência implicado na superfície de produção e o plano de referência do *socius* / plano de sociabilidade da superfície de registro que resulta na composição de um plano de consumo. Este plano é o CsO perplucador de intensidades que atravessam umas às outras e constituem a cada vez estados, afetos que determinam no CsO um “eu” sempre em devir.

É essa concepção de estados intensivos a cada vez no CsO que permite a compreensão do objeto da esquizoanálise: no inconsciente o não há se não populações, grupos e máquinas. Trata-se de captar essa ação. Para Deleuze não há senão desejo e campos, meios e formas de gregariedade. O desejo é desejo de ser. Ser de uma forma, de uma maneira. O desejo está relacionado às formas de existência e de sua relação com os códigos do *socius*. Isso no *AE*, por que em *MP* o problema do desejo é o problema da construção do CsO. A síntese disjuntiva inclusiva operada pelo *socius* registra, fixando os limiares do ano, a síntese conectiva compõe fragmentos da pessoa com aqueles de animais ou de vegetais. Será tarefa das várias formas do *socius* procederá codificação. Codificar os fluxos sobre um CsO pleno erra, do déspota ou do capital. As relações de atração e de repulsão duzem estados, sensações, emoções que implicam uma nova versão energética e forma a terceira síntese, a de conjunção. Estes

estados são os devires e sentimentos intensos, as emoções intensivas que alimentam delírios e alucinações. Os estados intensivos a cada vez são produzidos por uma complexidade de processos. As intensidades sentidas e que a cada vez constituem sujeitos alimentam delírios. Estas intensidades, a cada vez, são compreendidas em relação a outras. A partir de qualquer estado intensivo como resultado de todo esse processo de produção é preciso saber com qual ele se relaciona, se conecta ou está implicado.

O desejo não é pensado em referência à matriz familiar. Para a esquizoanálise os investimentos sociais são primeiros em relação aos investimentos familiares que são derivados daqueles. A família é um corte ou um estado do campo social tomado em seu conjunto. O primado do campo social como termo de investimento do desejo define o ciclo e os estados pelos quais um sujeito passa. Há uma relação entre o *socius* e os estados intensivos pelos quais passamos. Somos o que a cada vez? Partes intensivas de quê? Estamos implicados ou interpenetrados em que? Dispostos em relação com quais outros estados ou multiplicidades? Se componente de, como se relaciona? É preciso compreender numa análise a construção de um plano da humanidade.

Há duas questões aqui: em primeiro lugar o fato de que a cada vez somos nossos estados intensivos nos faz estar em relação com o que “significa” nosso estado intensivo e em segundo lugar como nos relacionamos com este estado intensivo em relação. Como nos posicionamos com isso que somos a cada vez. Somos partes, mas como nos relacionamos enquanto partes de? Esquizofrenicamente ou paranoicamente? Todo investimento é coletivo, sou parte de, e como? Portanto, uma multiplicidade é já relação com outras multiplicidades.

O problema do inconsciente é o problema de sua população, há dois tipos de coleções e populações, os grandes conjuntos e as micro-multiplicidades. Um é investimento em relação a uma forma de soberania, o outro em relação aos objetos parciais e fluxos, não com os conjuntos e as pessoas. Os dois investimentos sociais se fazem sobre

o *socius* e seus pólos respectivos expressam a cartografia desse *socius*, terra, déspota, capital. Para cada máquina social, ou para cada plano de sociabilidade aparecem estes dois pólos, paranóico e esquizo.

Não discutiremos aqui a segunda tese da esquizoanálise: distinguimos nos investimentos sociais o investimento libidinal inconsciente de grupo ou de desejo e o investimento pré-consciente de classe ou de interesse. Mas, mesmo assim, podemos dizer, que para Deleuze o organizador do desejo é sempre o campo social, que designa as zonas de intensidade com os seres que os povoam e determinam seus investimentos libidinais. Há primado dos investimentos libidinais do campo social sobre o investimento familiar, terceira tese da esquizoanálise.

CONCLUSÃO

O desejo é forma de ser e forma de relação. Uma multiplicidade é sempre relação a outras multiplicidades. Não há uma multiplicidade que se apresenta sozinha. O que há são sempre multiplicidades de multiplicidades. Então, uma multiplicidade já é uma forma de relação com multiplicidades do mesmo tipo quanto com multiplicidades de tipo diferentes. Há uma forma de relação de uma multiplicidade com outra de mesmo tipo e, uma forma de relação diferente com outros tipos de multiplicidades. Um tipo de multiplicidade significa uma complicação determinada de relações em variação. Determinados tipos de multiplicidade só se apresentam em relação com outras de mesmo tipo. Assim como uma multiplicidade constitui relações, as multiplicidades sempre se apresentam em relações seja com relações de uma multiplicidade, seja em relações com outras multiplicidades.

Deleuze identifica os diversos devires ou os estados intensivos a processos de metamorfoses ou de variação de multiplicidades, ou de variação de relações numa multiplicidade. Por isso pode dizer: “as matilhas, as multiplicidades não param, portanto, de se transformar

umas nas outras, de passar umas nas outras... não é de se espantar, a tal ponto o devir e a multiplicidade são uma só e mesma coisa” (DELEUZE, 1997, p. 33). Um devir é uma variação imanente. Uma multiplicidade está sempre num movimento de se entrelaçar a outras. Por isso “dá no mesmo dizer que cada multiplicidade já é composta de termos heterogêneos em simbiose, ou que ela não pára de se transformar em outras multiplicidades de enfiada, segundo seus limiares e suas portas” (DELEUZE, p. 33). No *AE* o papel de dispor em devir os estados intensivos é realizado pelo *socius*.

As multiplicidades implicam outras e implicam relações em si mesmas. Não há colocação em série, mas disposição em rizoma, em rede. Dependendo da variação imanente e das relações com o fora ocorre uma determinada atualização. Um devir significa, então, passagens entre heterogêneos que estavam implicados num plano. Deleuze chama de vizinhança um campo fronteiro entre dois limiares de multiplicidades. Ocorre uma circulação das relações de duas ou mais multiplicidades e elas mudam de natureza, entram em devir, em variação de relações. Esta zona de vizinhança entre multiplicidades é um campo indiscernível onde ocorre uma inter-relação entre os “elementos” de diversas multiplicidades. A presença destas multiplicidades virtuais afetivas é contemporânea a qualquer fase da vida. Isto quer dizer que co-existe com a forma humana vários poderes ou complexos virtuais afetivos que podem ser atualizados. Quando entramos num processo de devir, ou de variação imanente de nossas multiplicidades afetivas virtuais, isto quer dizer que entramos na zona de vizinhança de outros complexos afetivos ou ainda atualizamos uma das multiplicidades afetivas que nos povoam. “Tornar-se”, significa, então, efetuar uma variação em uma multiplicidade qualquer, mas uma variação que ultrapassa o limiar de variação interna que mantém esta multiplicidade como “esta” multiplicidade. Significa ultrapassar o plano de composição desta multiplicidade. Todavia, como um plano comporta muitos planos, a alteração é interna e articulada intraplano, mas às vezes não. Um plano constitui um grau de passagem qualquer entre suas multiplicidades, e pode ocorrer uma variação que não estava consistida no plano, então

o devir é radical e ultrapassa o próprio plano de vida de uma vida. Mas o problema todo é saber se podemos construir nossos devires, posição do *MP* no texto como “Construir um CsO” ou se eles são constituídos pelo plano de referência operado pelo *Socius*, posição do *AE*. É nessa tensão que pensamos poder construir um conceito de formas de sociabilidade em Deleuze.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, G. **Différence et répétition**. Paris: PUF., 1968.

_____. **Logique du sens**. Paris: Minuit, 1969.

_____. **Foucault**. Paris: Éditions de Minuit, 1986.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie 2**. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v.1.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, v.3.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. v.4.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997, v.5.

_____. **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Éditions de Minuit, 1991.

_____. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munõz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **L'Anti-Oedipe: Capitalisme et Schizophrénie**. Paris: Éditions de Minuit, 1972.